

HOMENAGEM

À

ZUZU

ANGEL

MONÓLOGO

RETALHOS DE NOITES

TRISTES

DE ESTRELAS ANDANTES

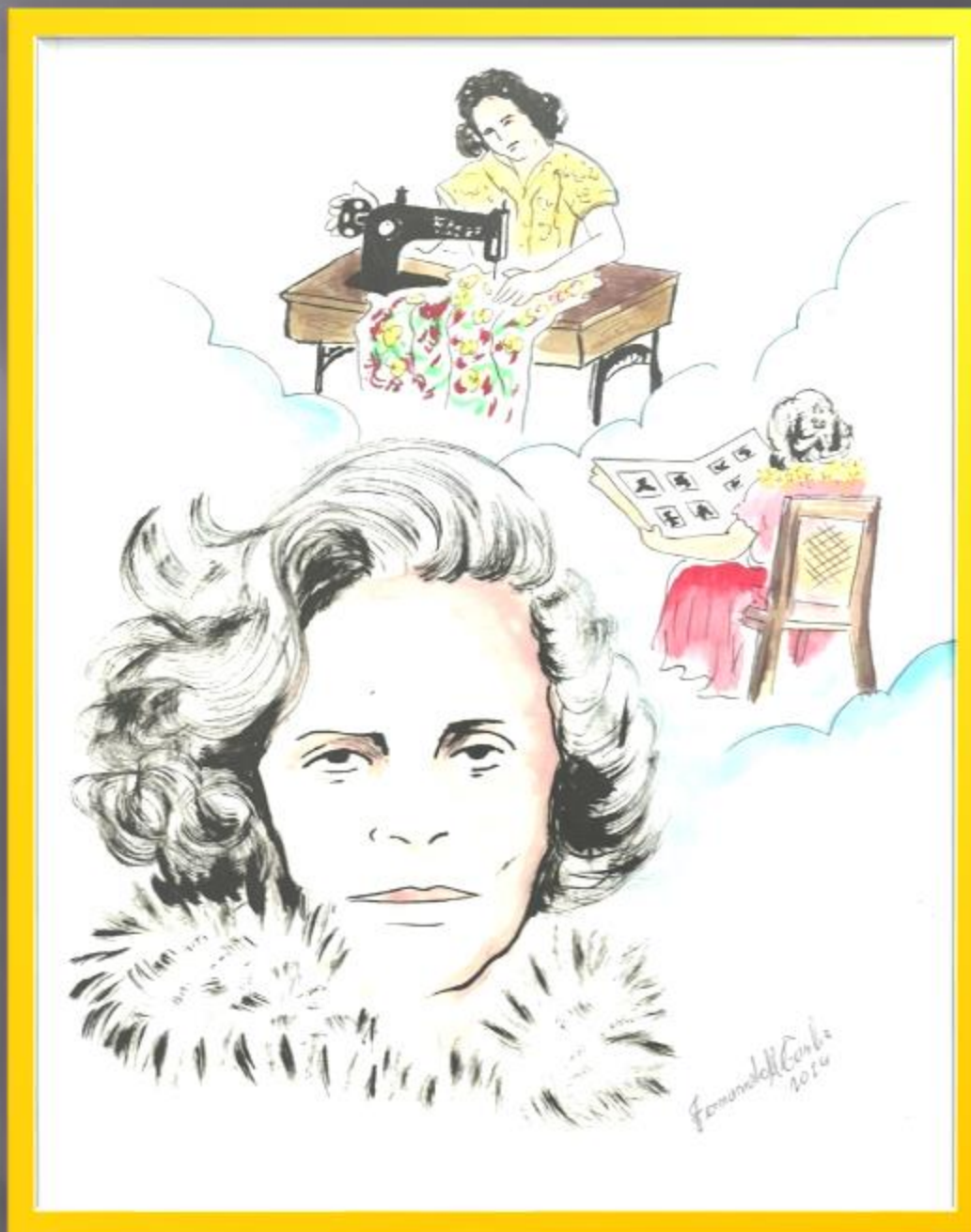
**MARY DE FÁTIMA ALVES DE
OLIVEIRA**

CENÁRIO :

**UM QUARTO,
UMA MÁQUINA DE
COSTURA,
QUADRO.**

**ABRE A CORTINA,
ZUZU**

**COM ÁLBUM
DE FOTOS**



**Oh pedaço de mim
Oh metade
amputada de mim**

**Leva o seu olhar
Que a saudade
é como um barco
Que na volta
descreve um arco
E evita atracar no
cais
Oh pedaço de mim
Metade arrancada
de mim**

**Leva o vulto seu
Que a saudade
é como um parto**

A saudade é arrumar o quarto

Do filho que já morreu

Quisera eu filho,

tê-lo alinhavado às barras da minha saia.

**Tê-lo feito insonso, alienado, impensante. (Alisa
carinhosa a camiseta).**

**Tão jovem, cheio de vida, alegria pulsante,
revolucionário?! Não sei,**

nunca o soube, participante sim,

**se a luta pela melhor vida gritar era a porta de
saída,**

seu grito é o seu silêncio, seu sumiço.

Qual terá sido seu crime filho?! (Em punho)

Pensar?!

(como se fizesse uma descoberta)

País antagônico.

Penso. Logo, não existo mais.

Choro como a mãe de Alfeu.

A mãe do filho de Alfeu, filho abortado pelas palavras duras, pelas mãos da perda.

Quem sabe dela a dor é menor, filho arrancado ainda no útero, sem rosto, sem nome.

(fala suave, olhar vago).

Por onde andarão todos?

Mudaram de endereço, Moçambique, Londres, Paris talvez, quem sabe juntos reunidos todos na cidade dos Anjos.

Onde?

Para onde levaram Stuart?

Meu filho não se desespera, eu disse isto quando o arrancaram das minhas mãos, malditas estrelas.

Querem todos os sorrisos e pensamentos atados a frente de juventude democrática, conduzidos pelo IPES feito chás marcados, carro de boi

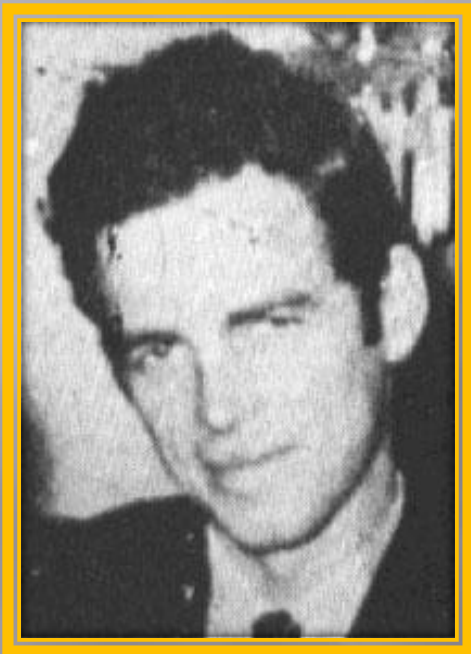
Comunismo não, terrorismo sim.

Estrelas mórbidas, sórdidas, mesquinhas, eles não têm mãe, não são filhos, não são pais, não são humanos (ela grita).

Não são humanos.

(levanta e caminha como sem direção)

Não guarda a lembrança os primeiros passos, o primeiro balbuciar, a escola, a primeira comunhão, os amigos da UNE.



Como puderam encher de trevas nossa pátria.

Tão mãe gentil, a confiscaram para si, para suas idéias, seu poder e glória.

**Como puderam cegar e colocar cangalha em tantas mães?
Se pudessem em Deus o fariam! Mães que marcham pela família com Deus pela liberdade, liberdade?!**

Onde estarão estas asas que nos livrarão de correntes tão poderosas?

Desta prisão perfeita, sem grade, sem nada, deste silêncio velado... (olha para os lados)

Liberdade que tortura, mata e enterra raso.

Estará meu filho em cova rasa?

Deus!!

Ele era tão jovem, bonito, riso...

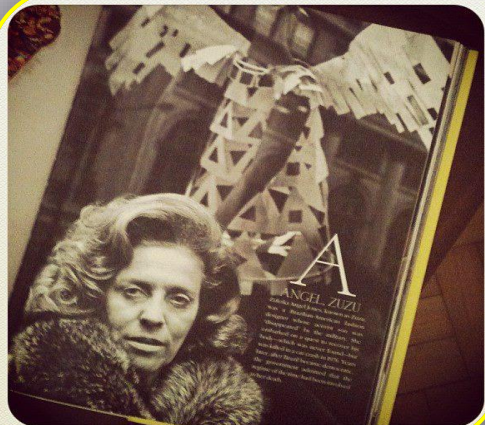
(grita alto, se debate como se a segurassem)

Não quero falar da minha saudade o vazio no peito, o frio, a náusea, a dor, essa dor...

Quero gritar, quero meu filho de volta, quero saber, eu quero saber... eu quero saber.

Joãos, Antônios, Pedros, Marias e Clarisses, quantos mais chamam?

Onde foram?



Qual será seu futuro?

Não consigo vislumbrar um futuro, quantos Jangos serão derrubados?

Haverá Atos Institucionais no futuro ou este país será governado por gente? Civis, talvez. E os jovens?

Nascerão já de língua cortada, serão secos de viseiras?

E os pais?

Serão assombrados, temerosos e amarrarão seus filhos à bainha da calça.

E as noites então?

Serão elas de choro calado, de vigília ou de espera sem hora marcada?

Noites escuras de estrelas macabras, indiretas, e “a dor da gente” e a dor de menino acanhado, menino bezerro pisado no curral do mundo a penar, que salta os olhos igual ao gemido calado, a fonte do mal assombrado é a dor de nem poder chorar...

(apaga a luz).



**Mary de Fátima Alves de Oliveira,
ex-aluna da FACIC, curso de Estudos Sociais, faleceu no ano
de 1999.**